



XXV Semana Paranaense de Turismo da UFPR

SEPATUR 2018 - Edição Comemorativa

Curitiba, 22 à 26 de Outubro



COMPREENDENDO O *DARK TOURISM* EM CURITIBA

UNDERSTANDING THE *DARK TOURISM* IN CURITIBA

Mylena Araújo Ribeiro da Silva (SILVA, M. A. R. da)¹;
Yasminn Kundy de Carvalho (CARVALHO, Y. K. de)²

RESUMO - O dark tourism, segmento classificado como visitas a locais que remetem ao terror e à morte, é um tema pouco estudado na área de turismo e por provocar muita curiosidade foi escolhido como tema para este artigo. Com o intuito de compreender melhor o que é e como ocorre foram utilizadas obras literárias que fornecessem diferentes conceitos para a melhor percepção do tema. Também foi aplicado um questionário online para entender como ele é praticado na cidade de Curitiba e se as pessoas sabem do que se trata.

Palavras chave: Dark tourism; Medo; Cemitérios; Sofrimento.

ABSTRACT - The dark tourism, segment classified as visits to places that remember terror and death, is a barely studied theme in the tourism area and for the appealing curiosity was chose to be the theme for this article. With the intention to better comprehend what it is and how this occurs, were used literature work that could provide different concepts to better understand the theme. Also was applied an online questionnaire to perceive how it is practiced in the city of Curitiba and if the general public knows what this about.

Key words: Dark tourism; Fear; Cemetery; Suffering.

¹ Aluna de graduação em Turismo da Universidade Federal do Paraná – UFPR. E-mail: Myarsilva@gmail.com

² Aluna de graduação em Turismo da Universidade Federal do Paraná – UFPR. E-mail: Yasminnkundy@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O *dark tourism*, também conhecido como turismo negro, é entendido como um tipo de turismo que envolve viagens ou visitas a lugares relacionados com a morte, tortura ou até mesmo a tragédia como um todo. Apesar de seu estudo científico e acadêmico ser recente e o entendimento da procura por esse tipo de turismo ser ainda muito limitado, alguns autores o consideram como uma das mais antigas formas de turismo. Segundo Stone (2005, p. 109) “desde que as pessoas são capazes de viajar, têm sido – atraídas intencionalmente ou não – para lugares, atrações ou eventos que estão, de uma forma ou de outra, relacionados com a morte, o sofrimento, a violência e o desastre”.

Apesar desse segmento se destacar por sua relação com coisas macabras, artigos sobre o assunto dão a entender que as principais motivações da procura de atrativos de *dark tourism* são por esses locais conterem forte teor histórico e cultural. Segundo Tavares et al. (2015, p. 192) “percebidas como um grandioso museu, as necrópoles são interessantes lugares para, por exemplo, um turismo educativo que contempla cultura, memória, identidade e arte, entre tantos outros significados da vida social”, destacando que os atrativos de *dark tourism* – nesse exemplo as necrópoles – podem oferecer mais do que apenas uma sensação que remete à dor e sofrimento.

No contexto contemporâneo o *dark tourism* pode ter um significado social mais forte do que apenas uma forma de lazer. O denominado tanaturismo, segundo Seaton (1996, apud TAVARES, 2015, p. 198), tem como objetivo estabelecer uma ligação com a morte, visando contemplá-la, nem sempre de maneira violenta. Isso pode fazer com que as pessoas aprendam a encarar a morte de uma maneira mais madura e saudável.

Desse modo, observando que a procura por esses tipos de atrativos que remetem à morte e sofrimento tem crescido dentro da sociedade atual (STONE, 2006), como por exemplo, nos campos de concentração na Alemanha e na cidade de Chernobyl, esse artigo busca compreender as principais motivações e possibilidades desse segmento na cidade, especialmente nos cemitérios de Curitiba.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 DARK TOURISM (REVISÃO DE LITERATURA)

Segundo Tarlow (2005, apud STONE, 2005) *dark tourism* são “visitas a lugares onde tragédias ou mortes historicamente notáveis ocorreram e que continuarão a impactar nossas vidas”. Para complementar esse conceito, podemos acrescentar a definição de Walter (2009 p.39) que classifica o *dark tourism* como umas das instituições que permeiam o mundo dos vivos e o dos mortos: “[...] a arqueologia, sepulturas, genealogia, música, literatura, direito, família, linguagem (oral e escrita), fotografia, história, tudo isso medeia entre os mortos e os vivos”, reforçando a ideia de Tarlow de que esses acontecimentos ainda têm forte influência sobre nossas vidas atuais.

Outro atrativo de *dark tourism* são os cemitérios, que geralmente são vistos como um local triste, nostálgico e algumas vezes até assustador, deixando de serem explorados no seu teor histórico. Puerto (2015, p.42), todavia, diz que “Mesmo estando associado ao sofrimento que a morte causa, é inegável a potencialidade que o cemitério possui para atividades no campo de pesquisa e de educação, bem como lazer, onde se inclui a atividade turística”, e completa:

Em termos acadêmicos, no entanto, parte-se do pressuposto de que o espaço cemiterial é um patrimônio que congrega arte, memória e interpretação histórico-social da comunidade em que se situa. Os cemitérios apresentam, através de seus símbolos, valores, hábitos culturais, organização e significação individual e coletiva, o que faz com que o espaço venha a representar também o mundo dos vivos.

Walter (2009 p.43) ainda sugere que o ponto de vista e as experiências do turista de cemitérios é única, uma vez que depende de como cada qual vê as figuras ali presentes. Tais visões podem se dar pelo sentido histórico e cultural ou, num aspecto mais próximo e íntimo, de antepassado.

Existe também o lado mais leve do *dark tourism*, as chamadas “fábricas de diversão”. As principais características desse setor são a mercantilização do sobrenatural, como produtos produzidos em massa para comercialização e a construção de paisagens turísticas, como a encarnação de ficção do Conde Drácula da Transilvânia.

Para melhorar na forma do entendimento desse fenômeno é criado por Philip Stone “O espectro do *dark tourism*”, que caracteriza o tamanho da tenebrosidade do turismo local. É crucial para a compreensão desse fenômeno, interrogar por quais motivos existem os

consumidores desse segmento, pode-se argumentar que esse fenômeno é uma resposta da demanda do consumidor sendo ele comportamental. A morte tem sido um elemento de turismo mais do que qualquer outra forma de oferta turística, através de fins religiosos ou de peregrinação. (STONE, 2006).

Uma subcategoria do *dark tourism*, definida por John Beech, professor da Russian International Olympic seria o “Genocídio”, ou seja, a junção do turismo com episódios de massacre, como por exemplo, o Holocausto. Pode-se causar estranhamento a união desse evento com o meio turístico, mas os campos de concentração de Auschwitz atraem milhares de turistas por ano. Contudo é necessária a presença de algumas características relevantes para o genocídio turístico, pois essa definição pode ser problemática, necessitando considerar quais as qualificações e o que está fora da definição (BEECH, 2005).

Outra subcategoria é o Turismo de Guerra, que a mestrandia em turismo Alcimara Meira Gonçalves Andrukiu define como a atividade que leva o turista a conhecer e visitar lugares marcados pela ocorrência de conflitos internos e revoltas populares. A autora também ressalta que esses lugares preservam expressões e fragmentos desses episódios por meio de museus, cemitérios e sítios arqueológicos.

Os autores Baldwin e Sharpley, em seu artigo *Battlefield Tourism: Bringing Organised Violence Back To Life* publicado no livro *The Darker Side of Travel: The Theory and Practice of Dark Tourism*, contam uma breve história sobre o Turismo em Campos de Batalha, e o Turismo de Guerra, citando um grande exemplo que foi a Primeira Guerra Mundial, que representa um grande passo para o surgimento do turismo nos campos de batalhas: “em particular, a Primeira Guerra Mundial representa um divisor de águas no surgimento do turismo no campo de batalha.” (BALDWIN, 2009)

Na época da escravidão o *dark tourism* ainda não tinha uma definição, mas ele já existia. O autor Alan Rice comenta em seu artigo *Museums, Memorials and Plantation Houses in the Black Atlantic: Slavery and the Development of Dark Tourism*, sobre as implicações que a exportação de escravos africanos trouxe para o turismo: “[...] gostaria de completar o triângulo transatlântico de escravos comentando sobre as implicações para o turismo e memorialização onde o comércio começou com a exportação de escravos africanos da costa Oeste Africano” (RICE, 2009).

Podemos também comentar sobre a sociologia contemporânea da morte, como Stone e Sharpley, que exploram a relação entre as perspectivas socioculturais sobre a mortalidade e o potencial do *dark tourism* como um meio de enfrentar a morte nas sociedades modernas.

2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para uma melhor compreensão das motivações dos turistas pela busca de atrativos relacionados ao *dark tourism* e de que forma esse segmento é desenvolvido na cidade de Curitiba, essa pesquisa ficou caracterizada como explicativa e descritiva. As fontes de dados são de caráter, primário, secundário e de campo, coletados respectivamente através de questionário aplicado online nas principais redes sociais, pesquisa bibliográfica e documental e por meio de roteiro de entrevistas.

O instrumento de coleta que trouxe mais resultado quanto ao objetivo específico foram as entrevistas realizadas em campo, que visavam esclarecer as visitas nos Cemitérios Municipais São Francisco de Paula e Água Verde, e no Cemitério Paroquial Santa Felicidade, e compreender como funcionam a administração quanto ao controle de visitantes e se realizam algum evento para atrair mais pessoas. Para responder as dúvidas levantadas, houve uma entrevista com o responsável pelo Cemitério Santa Felicidade, José Luiz, que trabalha desde 2003 no local e desde 1992 com sepultamentos. Durante a entrevista foi utilizado um gravador, mediante autorização, para facilitar na análise após a conversação. Já pelos Municipais não houve a possibilidade de uma entrevista direta e, sim uma visita guiada promovida e organizada pela pesquisadora da área Clarissa Grassi. Tal visita, controlada pelo número de visitantes, tinha um roteiro de passeio com duração de 3 horas dentro do Cemitério São Francisco. Durante o passeio foi possível coletar todos os dados necessários para esclarecer a dúvida do objetivo da pesquisa. Essa visita também foi registrada por gravador.

O questionário bastou para o entendimento das motivações, do perfil dos visitantes, o que as pessoas entendem por *dark tourism*, se elas iriam a algum atrativo que tenha como tema a morte, a tragédia e o sofrimento e se já visitaram algum cemitério por motivo de lazer, curiosidade, arquitetura ou história.

2.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

2.3.1 Visita Guiada no Cemitério Municipal São Francisco de Paula

O Cemitério Municipal São Francisco de Paula foi escolhido para a pesquisa por ser o mais antigo de Curitiba (datado de 1854), e por receber periodicamente uma visita guiada em seu interior. Possui quase seis mil túmulos, e mais de setenta e cinco mil sepultamentos,

diversas capelas para velórios sendo elas católicas ou ecumênicas, além de atendimento 24 horas em casos de falecimentos. Fica localizado na região central da cidade e é administrado pela Prefeitura Municipal de Curitiba.

Clarissa Grassi, pesquisadora autodidata e vice-presidente da Associação Brasileira de Assuntos Cemiteriais, planeja e coordena a visita guiada no Cemitério. Clarissa concluiu seu mestrado em Sociologia da Imagem, pela Universidade Federal do Paraná, tem algumas obras publicadas e está por lançar seu próximo livro, sobre ‘arquitetura da morte’ que irá abordar não somente o Cemitério Municipal, mas também a maioria dos cemitérios da cidade de Curitiba.

Até o ano de 2015, de acordo com Clarissa, 2538 pessoas fizeram essa visita pelo Cemitério Municipal, as visitas comportam um grupo de até trinta pessoas, cada qual contendo em lista (que contém nome completo, RG, CPF e assinatura). O propósito das visitas é expor o cemitério como um espaço amplamente artístico, histórico e arquitetônico, repleto de simbologia e cultura e, também, como uma ampla fonte de pesquisa. Desmistificando a imagem de ambiente sombrio e despertando nas pessoas o interesse pelo assunto uma vez que, uma visita cemiterial é uma ótima forma de explorar a história da comunidade local bem como a sua própria através de seus antepassados.

De acordo com Clarissa, os cemitérios começaram a ser construídos após a Lei das Doze Tábuas, onde a Décima Tábua determinou a “expulsão” dos mortos do “centro urbano”, pois os mesmos eram enterrados nos quintais das casas dos próprios familiares. Os sepultamentos então passaram a ser realizados *extra urbe*, ou seja, além dos muros da cidade.

Com o passar do tempo, a igreja católica começa a construir capelas e pequenas igrejas no entorno dos cadáveres dos mártires em função do grande número de pessoas que iam até lá prestar homenagens, para que durante a peregrinação dos cristãos, fossem realizados cultos genuinamente católicos. Os fiéis católicos, por sua vez, passaram a acreditar que quanto mais próximos fossem enterrados dos seus mártires, que na sua maioria eram enterrados dentro das próprias igrejas, mais próximos estariam também da salvação. Além disso, com o crescimento das cidades, o território se expandia de tal forma que acabava por “engolir” os cemitérios que se encontravam além dos muros, trazendo-os novamente para dentro da civilização.

Já na Idade Média, surgem então as confrarias e irmandades com o objetivo de “administrar o processo da morte” construindo suas próprias Igrejas. Em Curitiba, podemos citar como exemplo a Igreja Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito que eram, na verdade, a Irmandade dos Negros, já que estes não poderiam ser sepultados no mesmo local que os brancos, a Igreja do Largo da Ordem e sucessivamente, a Igreja de São Francisco de

Paula, que recebeu diversos sepultamentos durante o século XIX, mas nunca foi terminada completamente e acabou sendo abandonada e entrou em ruínas.

As Igrejas que ainda recebiam sepultamentos, o faziam em nichos ou em catacumbas sob o piso sagrado. Entretanto, os odores dos corpos em decomposição passaram a se tornar cada vez mais incômodo já que era necessário abrir essas carneiras para que um novo corpo fosse armazenado. Algumas Igrejas chegavam a fazer fogueiras diárias no intuito de dissipar o cheiro do seu interior. Nesse contexto surgem as campanhas higienistas a partir também de uma visão mais iluminista e racional, em função da teoria de que as grandes epidemias surgiam a partir dos miasmas que, por sua vez, surgem de toda e qualquer matéria orgânica em decomposição.

No início do século XIX, a Coroa Brasileira promulga uma lei que determina o fim dos sepultamentos em igrejas e, como não deu resultados, alguns anos depois é imposta uma segunda lei que faz com que as Câmaras Municipais se tornem as grandes responsáveis pela construção e manutenção dos cemitérios. Em Curitiba, a discussão quanto à criação destes cemitérios surge na Câmara Municipal em 1829, um ano após a imposição da segunda lei. Cria-se então uma comissão, juntamente com uma autoridade eclesiástica que alastram esse debate até 1854, quando é finalmente inaugurado o Cemitério São Francisco de Paula. Lentamente, o Cemitério é ocupado, principalmente em função da epidemia de varíola que se propagou pela cidade no final do século XIX e início do século XX.

Uma tendência que vem se fortalecendo nos últimos anos e promete se tornar um dos principais métodos de desvencilhar dos cadáveres é a cremação, afirma Clarissa. No entanto, ela assegura que em vez de lançar as cinzas ao mar é muito provável que a maioria das pessoas passe a levar os restos mortais de seus entes para casa, “trazendo-os novamente ao seio da família, como no passado”.

Continuando com a visitação, Clarissa apresenta as divisões do cemitério, passando pelo “Centro Histórico de Curitiba”, onde está concentrada a maior parte dos primeiros túmulos do cemitério.

Grassi destaca sempre as alterações dos túmulos de uma época para outra. As mudanças nas dimensões, nos modelos (sepulturas subterrâneas, túmulos com carneiras, verticais, estelas, capelas, mausoléus) e a forma como cada etnia manifesta sua cultura a partir dos traços nos túmulos. Os alemães, por exemplo, se apropriam das volutas, tem seus epitáfios escritos em alemão e na fonte gótica, trazem o sobrenome de solteira das mulheres e utilizam muito as cruzes de ferro fundido.

Ao ser questionada quanto a preservação histórica do cemitério, Clarissa responde que recentemente Curitiba passou a ter uma lei de preservação. No entanto, ela como estudiosa da área fez uma proposta de zoneamento do cemitério por áreas com diferentes graus de proteção, justamente para manter a paisagem do cemitério e evitar que os túmulos de grande importância histórica ou arquitetônica sejam alterados ou até mesmo destruídos. Essa proposta, de acordo com ela, se baseou nas tipologias construtivas e nas características de cada área, delimitando altura máxima, materiais, cores, e ainda se encontra tramitando nos órgãos competentes.

No roteiro da visita, Clarissa chama a atenção para os túmulos dos personagens ilustres da região como o Barão do Serro Azul, a família Hauer e a família Leão, por exemplo, sempre contando um pouco da história de cada um: quem foram, como morreram, o que deixaram de legado, etc.

Clarissa explica que não há como definir um perfil dos visitantes da sua visita guiada uma vez que esse público é o mais variado possível. Realmente, o que se podia observar da visita era que havia desde crianças até idosos e não havia predominância de gênero. Ao questionar algumas pessoas sobre as motivações pelas quais estavam ali, quase todas respondiam que era por curiosidade, por pesquisas na área de história e arquitetura, ou simplesmente pelo interesse em aprender mais sobre a cultura local ou de seus antepassados.

Terminada a visita e a entrevista, o que podemos concluir é que os estudos de Grassi são de grande importância não somente para a comunidade de Curitiba e região, mas para as pesquisas de história e arte cemiterial como um todo. Com suas obras publicadas, e as que ainda estão por vir, Clarissa faz com que leigos no assunto, se interessem mais pelo tema de modo que esses estudos não se percam, mas pelo contrário, avancem e se aprofundem cada vez mais.

2.3.2 Entrevista ao gestor do Cemitério de Santa Felicidade

O Cemitério Paroquial Santa Felicidade foi escolhido na pesquisa para fortalecer o entendimento de como ocorrem as visitas nos cemitérios da cidade de Curitiba e pelo fato do bairro de Santa Felicidade ser um dos primeiros de Curitiba, lá se encontram figuras de famílias históricas e tradicionais para a formação da cidade.

Dividido em três partes, o cemitério conta com um espaço onde ocorrem os velórios, uma “expansão”, construída pelo aumento da demanda de enterros, com caixões engavetados

e os túmulos mais recentes e a terceira parte, onde ficam os túmulos mais antigos e as capelas, preservadas como patrimônio histórico tombado.

A entrevista foi realizada com o supervisor de sepultamentos do cemitério, José Luiz, o qual possui uma grande experiência na área administrativa de cemitérios. Ele possui o registro legalizado de construção do cemitério datado no ano de 1886 pela família Boscardin, entretanto José acredita que a construção tenha ocorrido pelo menos 20 anos antes, pois há registros de enterros anteriores ao ano de 1886. Luiz propõe o uso de computadores para digitalizar todos os registros de sepultamentos, já que todas as informações de sepultamentos ainda são guardadas em livros, facilitando dessa maneira, o acesso aos dados.

O cemitério possui uma capela com um altar onde são realizadas missas nas segundas-feiras e em datas comemorativas (dia das mães, dias dos pais, etc...), curiosamente todas elas acontecem aos sábados (um dia antes da data oficial), para que assim as pessoas que possuem familiares enterrados possam rezar por eles. Nessa missa vêm pessoas que não possuem relação nenhuma com o cemitério, mas que comparecem por curiosidade de prestigiar algo desse tipo em um ambiente tão diferente, segundo o supervisor, o cemitério deixa de ter a atmosfera fúnebre que dispõe.

A preparação para receber visitantes no feriado de finados é bem administrada, três dias antes e no dia do feriado, Luiz aponta que eles abrem as portas do cemitério uma hora antes e fecham uma hora depois do horário habitual. As missas são realizadas em maior quantidade, três em cada dia, e no dia do feriado é afirmado por José Luiz que não há espaço na maior área livre do cemitério (a que fica de frente para o altar), pois a quantidade de pessoas presentes é absurda.

Quanto às visitas em dias comuns, questionamos o gestor sobre qual a motivação que trazem as pessoas ao cemitério sem que elas tenham relação familiar com alguém sepultado no local. Segundo ele, o principal motivo é a parada do ônibus da linha turismo em um ponto estratégico do bairro de Santa Felicidade. Ele afirma que as pessoas visitam a Casa dos Contos (ou Casa Culpi como é conhecida na região) e lá tomam conhecimento do tombamento das capelas das famílias enterradas, o que desperta o interesse de ir até o cemitério ver tudo isso pessoalmente. Outra motivação é a arquitetura das capelas com suas colunas gregas colocadas justamente para chamar a atenção e atrair visitantes. A missa, como já foi dito, atrai aqueles que já ouviram falar nela e desejam conhecer outra forma de orar.

É citado por Luiz o senhor Edson, que administra o Crematório Vaticano em Almirante Tamandaré. Esse senhor propõe a construção de um crematório em forma de pirâmide com um centro comercial na parte inferior e, nos andares superiores, preservar os

restos mortais dos falecidos. Essas alterações teriam por objetivo impor um marco para chamar a atenção dos visitantes, e desenvolver a região local através do ponto que passaria a ser ainda mais turístico.

2.3.3 Análise do Questionário

O questionário aplicado online foi disponibilizado e divulgado pelas redes sociais Facebook e Twitter. Aberto no dia 16 de junho de 2016 ele esteve disponível até o dia 23 de junho de 2016. O questionário contava com perguntas abertas e fechadas, algumas de caráter obrigatório e outras optativas. As perguntas contidas na pesquisa tinham como objetivo descobrir se o segmento e sua definição eram conhecidos pelo público e se este mesmo público já teria ido a algum atrativo de *dark tourism* na cidade de Curitiba.

O questionário de oito perguntas, sendo elas três obrigatórias e cinco opcionais, obteve um total de 130 respostas de pessoas com idades entre 12 e 59 anos. Os resultados da pesquisa mostraram que a média da idade do público é de 23 anos e, segundo a pesquisa (ver apêndice A), apenas 25,4% dos entrevistados sabem o que é o *dark tourism* e o restante, 74,6%, desconhece o segmento.

No entanto, 84 das 130 pessoas que responderam (ver apêndice B), disseram já ter visitado algum local ou atrativo que apresentasse situações de sofrimento ou de memórias de fatos relacionados à morte.

Desses 64,6 %, 50 pessoas já visitaram museus relacionados a esse segmento, outras 50 já foram em cemitérios e 39 em memoriais de guerras. Apenas 4 já foram em campos de concentração, porém esse número contrasta com o número de pessoas que desejam conhecer esses locais, que segundo a pesquisa são 38.

Já em uma questão opcional e aberta, foi questionado “O que é *Dark Tourism* para você?” e, das 70 pessoas que responderam a pergunta, apenas 43 souberam descrever e conceituar o que é o segmento *dark tourism*, ainda que alguns tenham apresentado um pouco de incerteza.

3 CONCLUSÕES

Todas as obras que discorrem sobre o tema *dark tourism*, o fazem das mais diversas maneiras, citando diferentes exemplos. Não raro, concordam umas com as outras quando

acabam por mencionar o fato de que essa modalidade turística atraía pessoas e causava as mais variadas emoções, sendo praticada desde muito antes do surgimento do termo que dá nome ao segmento. Podemos entender com a pesquisa que o *dark tourism* deve ser considerado um segmento do turismo, pois possui vários exemplos de “locais *dark*” que se tornaram verdadeiros atrativos turísticos, motivando a visita, gerando lucros para a comunidade local e desenvolvendo pesquisas para o aprofundamento do estudo desse tema.

Na cidade de Curitiba o maior exemplo de lugar que tem como tema o sofrimento é o Museu do Holocausto, porém, nos cemitérios é onde ocorre uma maior quantidade de visitas e aonde conseguimos estudar as motivações que levam as pessoas visitarem lugares tidos como macabros.

Ao final das pesquisas bibliográficas, entrevistas e observações, ficou claro para nós, iniciantes no estudo do fenômeno, a dimensão do *dark tourism* e a visita de cemitérios que se pode obter na cidade de Curitiba. Conseguimos visualizar também, principalmente, o potencial turístico que esse segmento alcançará se bem planejado e explorado. Visando sempre os retornos que isso poderá trazer, não somente em teor financeiro, mas especialmente no âmbito social. Conhecer e valorizar a própria história e cultura é enriquecedor para qualquer pessoa e, em larga escala, podemos fazer de Curitiba um lugar melhor, com cidadãos mais conscientes e responsáveis.

4 REFERÊNCIAS

ANDRUKIU, Alcimara Meira Gonçalves et al. Reminiscências de guerra em Curitiba, Paraná, Brasil: proposta de um roteiro turístico local. **Cultur**, Curitiba, p. 151-173, fev. 2015.

BALDWIN, Frank; SHARPLEY, Richard (Comp.). **Battlefield Tourism: Bringing Organised Violence Back to Life**. In: SHARPLEY, Richard et al. Aspects of Tourism: The Darker Side of Travel The Theory and Practice of Dark Tourism. Bristol: Channel View Publications, 2009. Cap. 10. p. 186-206.

BEECH, John. **Genocide tourism: dark tourism in practice**. Salisbury: Channel View Publications, 2005. 17 p.

DALE, Crispin; ROBINSON, Neil. Dark Tourism. In: ROBINSON, Peter et al. **Research Themes for Tourism**. Oxford: Cabi, 2011. Cap. 15. p. 1-300.

JOHANSON, M.; KILLORAN, E. **Dark tourism: Understanding The Attraction of Death and Disaster**. Travel, 5. Maio 2012. International Business Times. Disponível em: <<http://goo.gl/KrbCXg>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

LENNON, John; FOLEY, Malcolm. **Dark Tourism: The Attraction of Death and Disaster**. 3. ed. Londres: Thomson Learning, 2006. 184 p. Disponível em: <<https://goo.gl/XuNt5D>>. Acesso em: 05 abr. 2016.

MONTEIRO, Jaqueline de Oliveira; MONTEIRO, Jéssica de Oliveira; SILVA, Erly Maria de Carvalho. **Turismo macabro: Conhecer para entender; entender para (des)construir**. In: VII Seminário de Associação Nacional de Pesquisa e Pós- Graduação em Turismo, 7., 2010, São Paulo. **Anais...** . São Paulo: Anptur, 2010. p. 1-15. Disponível em: <<http://goo.gl/wkeSDE>>. Acesso em 5 abr. 2016.

PUERTO, Charlene Brum Del; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Espaço cemiterial e Turismo: Campo de ambivalência da vida e morte. RITUR:Revista Iberoamericana de Turismo**. Penedo, v. 5, n. , p. 42-53. 03/2015. Disponível em: <<http://goo.gl/XAK0Rt>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

RICE, Alan. **Museums, Memorials and Plantation Houses in the Black Atlantic: Slavery and the Development of Dark Tourism**. In: SHARPLEY, Richard et al. Aspects of Tourism: The darker side of travel the theory and practice of dark tourism. Bristol, Buffalo, Toronto: Channel View Publications, 2009. Cap. 12. p. 224-246.

SEATON, Tony. **Dark Tourism: Management Implications: Purposeful Otherness: approaches to the Management of Thanatourism**. In: STONE, Richard Sharpley And Philip R. The Darker Side of Travel: The Theory and Practice of Dark Tourism. 41. ed. Bristol, Buffalo, Toronto: Channel View Publications, 2009. Cap. 5. p. 75-108. (Aspects of Tourism).

SHARPLEY, Richard. **Dark Tourism: Management Implications: Dark Tourism and Political Ideology: Towards a Governance Model**. In: STONE, Richard Sharpley And Philip R. The Darker Side of Travel: The Theory and Practice of Dark Tourism. 41. ed. Bristol, Buffalo, Toronto: Channel View Publications, 2009. Cap. 8. p. 145-166. (Aspects of Tourism).

SHARPLEY, Richard. **Dark Tourism: Theories and Concepts: Shedding Light on Dark Tourism: An Introduction**. In: STONE, Richard Sharpley And Philip R. The Darker Side of Travel: The Theory and Practice of Dark Tourism. 41. ed. Bristol, Buffalo, Toronto: Channel View Publications, 2009. Cap. 1. p. 3-22. (Aspects of Tourism).

SMITH, Wayne William. **Dark Tourism: The Attraction of Death and Disaster**. Annals of Tourism Research, v. 29, n. 4, p.1188-1189, out. 2002. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/S0160-7383\(02\)00015-4](http://dx.doi.org/10.1016/S0160-7383(02)00015-4). Disponível em: <<https://goo.gl/qlrGhe>>. Acesso em: 05 abr. 2016.

STONE, Philip R. **A dark tourism spectrum: Towards a typology of death and macabre related tourist sites, attractions and exhibitions**. Lancashire: Selected words, 2006. p. 17.

STONE, Philip R. **Dark Tourism in Practice: 'It's a Bloody Guide': Fun, Fear and a Lighter Side of Dark Tourism at The Dungeon Visitor Attractions, UK**. In: STONE, Richard Sharpley And Philip R. The Darker Side of Travel: The Theory and Practice of Dark Tourism. 41. ed. Bristol, Buffalo, Toronto: Channel View Publications, 2009. Cap. 9. p. 167-185. (Aspects of Tourism).

STONE, Philip R. **Dark Tourism: an old concept in a new world**. 2005. University of Central Lancashire. Disponível em: <<http://goo.gl/6qziVS>>. Acesso em 5 abr. 2016.

STONE, Philip R. **Dark Tourism: Morality and New Moral Spaces**. In: SHARPLEY, Richard; STONE, Philip. *The Darker Side of Travel: The Theory and Practice of Dark Tourism*. Bristol: Channel View Publications, 2009. Cap. 4. p. 56-74. Disponível em: <<https://goo.gl/Eeviw7>>. Acesso em: 05 abr. 2016.

STONE, Philip R. **Making abstent death present: Consuming dark tourism in contemporary society**. Salisbury: Channel View Publications, 2009. 16 p.

TARLOW, Peter E.. **Dark tourism: The appealing 'dark' side of tourism and more**. Wallington: Routledge, 2005. 11 p.

TAVARES, Davi Kiermes et al. **Cemitério: patrimônio cultural material e fonte de turismo como possibilidades**. Conexões culturais: revista de linguagens, artes e estudos em cultura, v. 1, n. 2. p. 191-210, dez, 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/6qziVS>>. Acesso em 5 abr. 2016.

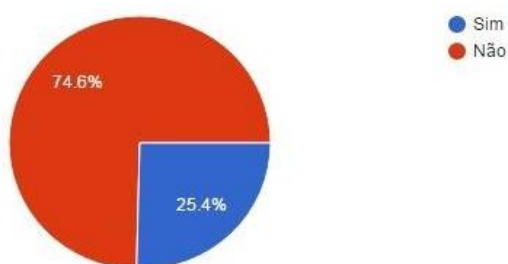
WALTER, Tony. **Dark Tourism: Mediating Between the Dead and the Living**. In: SHARPLEY, Richard; STONE, Philip. *The Darker Side of Travel: The Theory and Practice of Dark Tourism*. Bristol: Channel View Publications, 2009. Cap. 3. p. 39-55. Disponível em: <<https://goo.gl/v5L1lh>>. Acesso em: 05 abr. 2016.

YUILL, Stephanie Marrie. **Dark Tourism: understanding visitor motivation at sites of death and disaster**. 2003. 278 f. Course of Recreation, Park and Tourism Sciences, Texas A&M University, Texas, 2003. Disponível em: <<http://goo.gl/XqGHXS>>. Acesso em: 05 abr. 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Pesquisa dark tourism

Você sabe o que é o fenômeno chamado Dark Tourism? (130 responses)



APÊNDICE B – Visitações a locais de dark tourism

Você já visitou locais/atrativos que apresentem situações de sofrimento, de memórias de fatos macabros? (130 responses)

